Série

Artigos

Amaury Veiga

INSTITUTO DURANGO DUARTE

APRESENTAÇÃO

O site do Instituto Durango Duarte foi totalmente reformulado e, por isso, todos os textos já publicados por **Amaury Veiga** em nossa plataforma foram reunidos numa coletânea, em formato de e-book, para que você possa acessar e ler os artigos em um único lugar, além de poder fazer o download gratuito do material.

Na "Série Artigos", você também poderá encontrar as compilações de outros articulistas, tais como Gilson Gil, Lúcio Menezes, José Carlos Sardinha, Cláudio Barboza, Otoni Mesquita, Hélio Dantas, Jeferson "Garrafa" Brasil, Roberto Caminha Filho, Henrique Pecinatto, Jorge Alvaro, Júlio Silva e Kátia Couto.

Essas coletâneas serão atualizadas semestralmente com os novos artigos que forem produzidos.

Série Artigos

Amaury Veiga

É o que quis ser desde criança: engenheiro civil. Especializou-se em estrutura, numa carreira que já completou quarenta e quatro anos. Tem mais de quatro mil projetos de sucesso. Só não contava que, ao longo de sua trajetória de vida, também se dedicasse ao tênis, jazz, cinema, comida japonesa e agora escrever artigos.

CAPÍTULO I

RANÇO PROVINCIAL OU MONOTRILHO?

Publicado em 21 de abril de 2016.

Fiquei, pelo menos publicamente, fora das discussões sobre as opções do sistema de transporte para atender as exigências da Copa do Mundo e, primordialmente, aliviar o nosso infernal trânsito.

O nível do debate e as opiniões mais anacrônicas e fantasiosas possíveis prevaleceram. Isso motivou-me, embora extemporaneamente, como cidadão, escrever estas linhas.

Primeiro, para desmentir a informação de que o monotrilho era inviável, caro, não compatível com as nossas condições, além de ser rejeitado pela maioria dos países e blá, blá, blá. Tal afirmação era uma falácia!

Tóquio, uma das maiores capitais do mundo, opera o sistema há décadas! Com lucro!

Outro exemplo é o de Shangai, com a variante maglev, a mais nova tecnologia existente no transporte de massa.

Várias cidades, no mundo inteiro, estão projetando e/ou colocando em operação seus monotrilhos! São Paulo prevê a extensão da Linha 2 Verde com monotrilho.

Se outras grandes cidades não implantaram o sistema foi porque o transporte coletivo existente, é eficiente e dá conta do recado. Vide Londres, possuidora de um sistema de ônibus dos mais eficientes no mundo!

Segundo, para desmontar a afirmação de que "o monotrilho iria descaracterizar o centro histórico"!

Como exclamaria um dileto amigo: Cristo!

O Centro da cidade está, há décadas, repito, décadas, Descaracterizado!!

Mas os rançosos notaram que o monotrilho descaracterizaria o Centro? Deviam estar brincando! Como o monotrilho descaracterizaria ainda mais o Centro? Era possível piorar aquela Babel? Gostaria de ver uma simulação de como o monotrilho agravaria a situação!

Talvez fosse conveniente contratar um especialista, no caso, o deputado (?) Francisco Everardo Oliveira Silva, eleito com o slogan "Pior do que tá não fica!", ou algo parecido!

Por enquanto, basta dos rançosos! Vamos aos dados.

Possuímos duas vias seminais na cidade: a D. Batista e a C. Nery. São os tais Eixos Norte-Sul.

Amainado o trânsito, lá pelas 22:00, uma perfuratriz de grande capacidade p.e., capaz de perfurar estacas com diâmetro Ø80cm, executaria os furos a cada, digamos, 60m no canteiro central, furos que seriam imediatamente concretados.

Com um serviço bem planejado, nas outras noites seriam montados os pilares metálicos, as vigas metálicas etc.

Por que a opção pelo aço? É mais leve, tem grande resistência, e permite a pré-fabricação em canteiros externos, com a montagem ocasionando mínimo impacto no fluxo de trânsito.

Os pilares e vigas metálicas possibilitariam os vagões, digamos assim, trafegarem a 5,00/6,00m de altura, sem interferência significativa na plataforma rodante abaixo.

As paradas e estações de acesso ocupariam menos espaço do que as do fracassado Expresso (?).

Dados típicos de tal sistema são:
Velocidade nas áreas centrais – 30,00 km/h;
Velocidade fora do centro – 50,00/ 60,00 km/h;
Capacidade – 40.000/ 50.000 passageiros/h;
Economia de energia – da ordem de 5 vezes menor que o modelo tradicional;
Custo total –10% a 30% do sistema tradicional; (as desapropriações e obras auxiliares serão mínimas).

A implantação de um monotrilho da maneira descrita acima, demandaria menos tempo, temos certeza, e atenderia não só a Copa, mas, primordialmente, como dissemos acima, a nossa querida Cidade, agora que a euforia da Copa passou.

Finalmente, também escrevi estas linhas para acabar com a panelinha de pseudo técnicos/intelectuais que acreditam ter o monopólio das opiniões sobre todos os assuntos de interesse da comunidade, dando a entender que eles, somente eles, ninguém além deles, devem ser ouvidos!

UM BONDE CHAMADO DESEJO

Publicado em 12 de maio de 2016.

Aqueles com mais de 50 anos lembram perfeitamente o que os bondes significavam quando circulavam em Manaus até a década de 60.

Para nós, adolescentes na época, era uma grande Alegria!

Começava pela "morcegagem" e passava pela colocação de cacos de garrafas nos trilhos para fazer cerol! Caso o cobrador empunhasse a lança que separava os ramais para retirar o vidro moído, era a glória! Alertávamos os companheiros que estavam adiante, e eles passavam sabão nos trilhos para dificultar a tração e o movimento do carro!

Na nossa rua, a Ferreira Pena, tínhamos um recurso adicional para intimidar o cobrador e condutor: tomates podres, bananas estragadas e o escambau, restos da feira, que estocávamos para essa contingência e eram disparados como katchuskas sobre o bonde! Tudo isso comandado pelo querido Messias, que há pouco nos deixou!

Não era Paris, mas era uma festa!

O que menos importava, para nós, era o excelente, confortável, seguro e preciso serviço que as linhas de bondes prestavam. Digo tudo isso porque, no mundo inteiro, os bondes estão voltando como uma solução para os problemas

de transporte de massa, solução essa, que não deveria, nunca, ter sido descartada!

Vamos aos dados:

Paris, com cerca de 12 milhões de habitante, que há 56 anos desativou os bondes, desde 2006 com a linha T3, opera mais 3 linhas e tem mais 4 prontas para entrar em serviço até 2014;

Outras cidades francesas, como Nice, Estrasburgo, Marselha etc. possuem excelentes e modernas linhas de bonde; e, finalmente,

Nos EUA, após a chegada de Obama ao poder, o governo federal modificou sua política de financiamento aos estados na área de transportes coletivos e uma verdadeira "febre" de construção de linhas de bondes está ocorrendo!

O "x" da questão veio do entendimento que os bondes, além de silenciosos, rápidos e confortáveis, i.e., ecologicamente corretos, são de fácil implantação e eficientes ao proporcionar uma paisagem urbana atrativa e estimulante nos centros urbanos, canalizando investimentos e saudável renovação dessas áreas.

Acho que valeria a pena a próxima administração municipal pensar em implantar, novamente, as linhas de bondes.

CENTO E SETE ANOS SEM EUCLIDES

Publicado em 24 de junho de 2016.

EUCLIDES DA CUNHA, REVELADOR DA REALIDADE BRASILEIRA

O Há 107 anos, o genial escritor e engenheiro morria, assassinado, na Estação da Piedade, no Rio de Janeiro.

Detentor de estilo próprio e inconfundível – repleto de riqueza de detalhes impressionantes – o mais completo e famoso escritor brasileiro dizia: “não nos destinamos à imprensa”. Foi através dela, contudo, que lançou seus variados artigos, cobrindo vasta parte do conhecimento humano. As bases daquilo que Gilberto Freyre denominou de “Realidade Brasileira”.

Tão importante quanto a realidade nacional, foi a reunião de seus ensaios e artigos nos livros Contrastes e Confrontos e À Margem da História, revelando a Realidade Amazônica, anteriormente apenas pincelada pelos “abnegados pioneers” como ele mesmo definiu, i.e., os estrangeiros que aqui passavam atraídos pela região.

Foi somente com À margem da História, Contrastes e Confrontos e O Inferno Verde de seu amigo Alberto Rangel – livro prefaciado por Euclides – que a “Esfinge” foi, finalmente, decifrada.

Nas páginas dos livros acima citados, tomamos conhecimento da genia-

lidade e sabedoria de Euclides, a discorrer e ensinar sobre os mais variados temas. O mais brasileiro de todos os escritores brasileiros desdobra-se em cientista político, engenheiro, ecologista, astrônomo e filósofo... sempre à frente do seu tempo!

Veja-se, por exemplo, o admirável "Da Independência à República". Ao historiar a formação da Pátria, discorre sobre as dificuldades de manter unido o País: "O Brasil era amplo demais para os seus três milhões de povoadores em 1800 [...] Os vários agrupamentos em que se repartia o povoamento rarefeito [...] não tinham uniformidade de sentimentos e ideais que os impelissem a procurar na continuidade da terra a base física de uma Pátria! Destarte, insulados no país vastíssimo em que se perdiam, os nossos patrícios de há cem anos tinham frágeis laços de solidariedade. Distanciava-os o meio" [...].

Mais adiante, ao analisar a regência de Diogo Feijó, traz à tona a figura do "cabano" segundo ele um novo tipo da nossa História. "Era o crescente desequilíbrio entre os homens do sertão o os do litoral. O raio civilizador refrangia na costa. Deixava na penumbra os planaltos" [...] "restariam, ameaçadores, afeitos às mais diversas tradições, distanciando-se do nosso meio e do nosso tempo, aqueles rudes patrícios perdidos no insulamento das chapadas!" Até hoje, em pleno Terceiro Milênio, o "raio civilizador" continua refratado, passando a anos-luz de distância do nosso interior amazônico!

Em "Plano de uma Cruzada", analisando a problemática das secas, conclama: "Não há mais elevada missão à nossa Engenharia. Somente ela, ao cabo de

uma longa tarefa (que irá das cartas topográficas e hipsométricas, aos dados sobre a natureza do solo, às observações meteorológicas sistemáticas e aos conhecimentos relativos à resistência e desenvolvimento da flora), poderá delinear o plano estratégico formidável contra o deserto"!

Em seguida, preconiza com um pioneirismo surpreendente "até mesmo uma provável derivação das águas do S. Francisco, para os tributários superiores do Jaguaribe e do Piauí, levando perpetuamente à natureza torturada do Norte os alentos e a vida maravilhosa do Sul ..."!

Como veem, a ideia da transposição do Velho Chico não é recente!

Voltando à nossa Região, diz ele em "Clima Caluniado", criticando a maneira como foi feito o povoamento do Acre: "Em todas as latitudes foi sempre gravíssima nos seus primórdios, a afinidade eletiva entre a Terra e o Homem. Salvam-se os que melhor balanceiam os fatores do clima e os atributos pessoais. [...] "A cada deslize fisiológico ou moral antepõe-se o corretivo da reação física. E chama-se de insalubridade o que é um apuramento, a eliminação generalizada dos incompetentes. Ao cabo verifica-se algumas vezes que não é o clima que é mau; é o homem."! [...] "Neste caso atiremos de lado, de uma vez, um estéril sentimentalismo e reconheçamos naquele clima uma função superior!" [...]. "Policiou, saneou, moralizou. Elegeu e elege para a vida os mais dignos. Eliminou e elimina os incapazes, pela fuga ou pela morte. E é por certo um clima admirável o que prepara as paragens novas para os fortes, para os perseverantes e para os bons."!

Na “A Transacreana” pugna pela construção das ferrovias na Região, atividade ainda considerada tabu nos dias de hoje! Ao elogiar os varadouros diz: “O varadouro – legado da atividade histórica dos paulistas compartido hoje pelo amazonense, pelo boliviano e pelo peruano – é a vereda atalhadora que vai por terra de uma vertente fluvial à outra. A princípio tortuoso e breve, apagando-se no afogado da espessura, ele reflete a própria marcha indecisa da sociedade nascente e titubeante, que abandonou o regaço dos rios para caminhar por si.”

Segundo Euclides, os varadouros permitiram o quase total conhecimento da Região. “Deste modo, em pouco mais de um mês de travessia, vencendo-se 907 km por águas e 660 por terra, pode-se vir de Tabatinga à Vila Bela, diagonalmente, de um a outro extremo da Amazônia, naquele itinerário de 250 léguas”. [...] “Deste modo, a grande estrada de 726 km, unindo os três departamentos, e capaz de prolongar-se de um lado até o Amazonas, pelo Javari, e do outro até ao Madeira, pelo Abunã, está de todo reconhecida, e na maior parte trilhada”. [...] “A intervenção urgentíssima do Governo Federal impõe-se como dever elementaríssimo de aviventar e reunir tantos esforços parcelados. Deve consistir, porém, no estabelecimento de uma via férrea – a única estrada de ferro urgente e indispensável no Território do Acre.”

Continuando, Euclides pulveriza os críticos e céticos, ao analisar a colonização inglesa na Índia, que, segundo ele, tem condições de solo aluviais e climáticas idênticas à nossa Região. “Na Índia, como entre nós, não faltaram profissionais apavorados ante as dificuldades naturais- esquecidos que a engenharia existe precisamente para vencê-las!”

Em entrevista ao Jornal do Commercio, em Manaus, 29 de Outubro de 1905, comenta o esforço sobre-humano que a Comissão Brasileira fez para o reconhecimento do Alto Purus. [...] "Íamos em canoas, e se considerardes que os seus tripulantes empunhavam pela primeira vez os varejões e os remos, se atenderdes que o rio, esgotado, impunha os máximos resguardos no se evitarem choques em paus e encalhes nos baixios, e se somardes todas as paradas obrigatórias nas estações em que avaliávamos as distâncias com a luneta Lugeal – ajuizareis de todo o nosso desapontamento e quase desânimo resultantes de um confronto da nossa marcha ronceira de três a quatro milhas diárias e o desmedido da distância a percorrer." [...] "E fomos à meia ração. [...] e os víveres que levávamos, no máximo para 25 dias, reduziam-se à carne-seca, farinha que se acabou ao fim de 12 dias, um pouco de açúcar que, tenazmente poupado, durou 3, meio garrafão de arroz, uns restos de bolacha esfarinhada, que uma chuva repentina diluiu, e algumas latas de leite condensado!" "Propositadamente, apresento esta lista. É eloquente!"

Ao chegar no ponto culminante do varadouro, para observar o aneroide e verificar a altitude, observa, maravilhado: "O sol descia para os lados do Urubamba [...] Os nossos olhos deslumbrados abrangiam, de um lance, três dos maiores vales da Terra; e naquela dilatação maravilhosa dos horizontes, banhados no fulgor de uma tarde incomparável, o que eu principalmente distingui, irrompendo de quadrantes dilatados e trançando-os inteiramente- ao Sul, ao Norte e a Leste- foi a imagem arrebatadora da nossa Pátria que nunca imaginei tão grande!"

Assim foi e assim viveu o nosso genial engenheiro e escritor, trilhando o nosso País Continente nos dizeres de Viriato Correia: “Euclides nunca “se assentou”. A sua vida tem sido uma vida errante, ora aqui, ora ali, numa comissão, noutra, as malas sempre prontas, os livros dentro das malas. Ora em Minas, em São Paulo, no Amazonas, no Acre, em Canudos; de lápis na mão, enchendo de algarismos os livrinhos de notas, como engenheiro.”

Amaury Veiga formou-se em Engenharia em 1971, na Turma Euclides da Cunha da Universidade do Amazonas.

CONCRETO COCÔ

Publicado em 29 de agosto de 2016.

O destino dos efluentes de esgoto é um grande problema nas estações de tratamento do mundo inteiro.

As áreas disponíveis para armazenamento estão cada vez mais escassas, tendo em vista o alto teor de metais pesados contido nos efluentes e as preocupações ambientais.

Ao mesmo tempo, procurando diminuir o impacto ambiental, as indústrias de fabricação de materiais de construção procuram alternativas para os materiais cimentícios.

Tendo tudo isso em mente, pesquisadores da Universidade MARA, na Malásia, estão estudando o potencial existente nos esgotos como substituição do cimento na fabricação do concreto.

Os pesquisadores utilizaram um “bolo” do esgoto devidamente seco ao sol durante uma semana e após moído, aquecido a 550°C numa fornalha.

Vários fatores água/cimento foram utilizados-0,60:0,55: e 0,40- e a porcentagem da “farofa” do esgoto empregado variou de 3 a 15% em substituição ao cimento.

Concretos C30, C40 e C50- os dois últimos de alta resistência- foram o objetivo da pesquisa.

A equipe, então, comparou o concreto assim produzido com o concreto normal em termos de resistência à compressão, absorção d'água, permeabilidade e à penetração salina.

Os testes demostraram que a resistência à compressão do concreto "cocô" diminuía de acordo com o aumento da porcentagem da "farofa" utilizada com exceção do C40, utilizando 7% de mistura.

Da mesma forma, a absorção d'água e permeabilidade aumentaram, de acordo com o aumento da porcentagem utilizada.

Contudo, o concreto normal é mais permeável do que o "especial" C40, sugerindo que este concreto tem maior durabilidade!

Da mesma forma, a resistência a cloretos aumentou em misturas acima de 15% do concreto "esgotal"!

De maneira geral, a utilização do novo concreto é promissora e, com certeza, diminuirá o impacto ambiental dos efluentes de esgoto.

CAPÍTULO II

TO BIM OR NOT TO BIM? (PARTE 1)

Publicado em 27 de setembro de 2016.

ESSA É A QUESTÃO

Ao avançarmos em direção de uma revolução digital nas infraestruturas e construções das nossas cidades, o papel da informação é cada vez mais significativo.

BIM (Building Information Modelling) Modelagem da Informação na Construção, em português, é uma nova plataforma da tecnologia da informação aplicada a construção civil e materializada em novas ferramentas (softwares), que oferecem novas funcionalidades e que, a partir da modelagem dos dados do projeto e da especificação de uma edificação ou instalação, possibilitam que os processos atuais, baseados apenas em documentos, sejam realizados de outras maneiras(baseados em modelos) muito mais eficazes.

Algumas referências apontam que o termo BIM teria sido utilizado primordialmente por Charles Eastman, professor da Georgia Tech School of Architecture e diretor do Digital Building Laboratory.

Charles Eastman teria conceituado BIM como sendo “um modelo digital

que representa um produto, que, por sua vez, seria o resultado do fluxo de informações do desenvolvimento do seu projeto".

A popularização do termo BIM também estaria relacionada ao trabalho do renomado consultor americano Jerry Laiserin, especialista em tecnologia aplicada às construções.

Apesar do BIM estar em desenvolvimento há cerca de 40 anos, somente agora os softwares foram capazes de produzir ferramentas 4D – incluindo o tempo- para planejar e acompanhar as várias etapas do ciclo de vida de um projeto, da sua concepção à construção.

Custos e consumo de carbono foram também incluídos para dar aos projetistas completa visualização do trabalho em andamento.

A BIM permite às equipes de projetos trabalharem conjuntamente na infraestrutura e vislumbram sua performance antes da construção ser executada! Melhores decisões e correções de rumo através da análise, simulação e visualização, podem ser tomadas.

As equipes de projetos têm total liberdade para explorar conceitos alternativos, otimizar projetos e planejar a construção.

Projetistas, construtores, fornecedores e clientes, todos ficam envolvidos numa cultura de colaboração e integração.

Assim, a importância do BIM ultrapassa a linha de projeto e construção e adentra no completo ciclo de vida de uma construção e/ou infraestrutura! Daí a sua verdadeira e revolucionária contribuição.

TO BIM OR NOT TO BIM? (PARTE 2)

Publicado em 17 de novembro de 2016.

ESSA É A QUESTÃO

No primeiro artigo, discorremos sobre o que é BIM e a revolução causada pela sua introdução na área de engenharia civil e projetos.

Neste, abordaremos as principais plataformas de BIM e a sua quase obrigatoriedade de utilização pelos órgãos oficiais e departamentos de infraestrutura no Mundo.

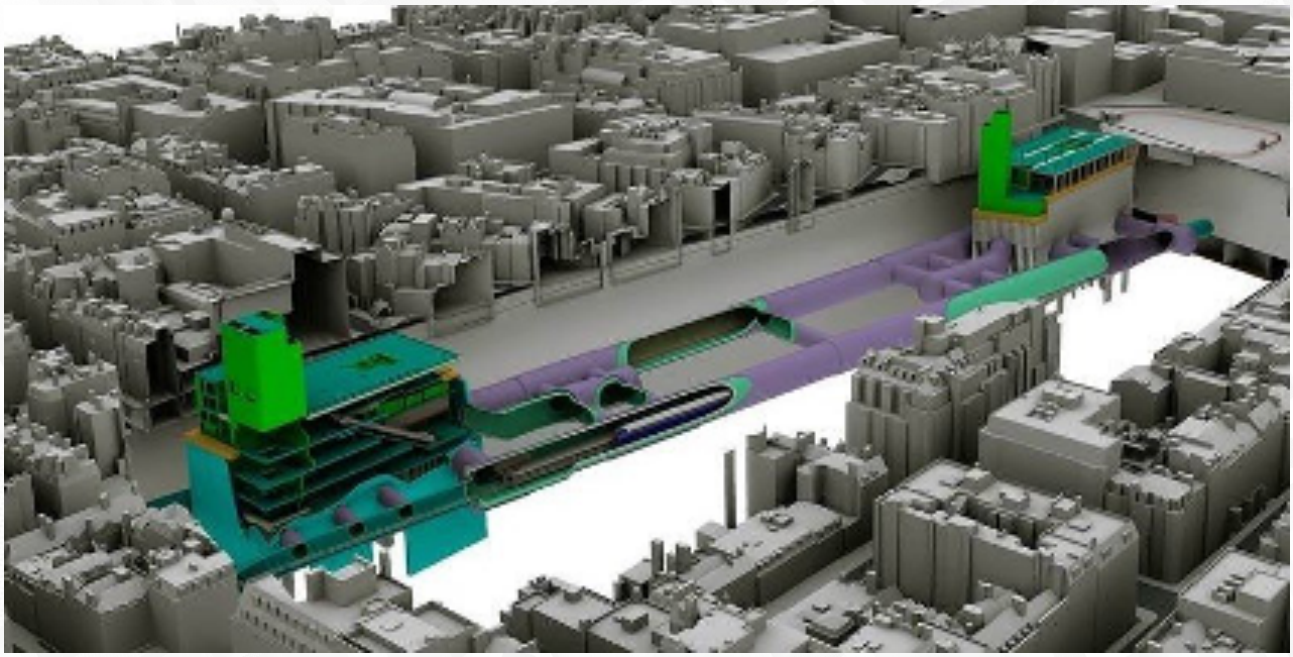
Vem dos EUA a verdadeira utilização do BIM na apresentação de projetos de infraestrutura e construção civil.

Com o aumento da adoção do BIM, o uso dos modelos digitais para projeto virtual, construção e colaboração está se tornando padrão. Órgãos governamentais, organizações e proprietários em todo o mundo estão exigindo o BIM em novos projetos de edificação. Por exemplo: no início de 2014, o Parlamento Europeu aprovou uma Diretriz para Aquisições do Setor Público que estimula as autoridades públicas a considerarem o uso do BIM em obras públicas, e chama a atenção sobre oportunidades e benefícios que o BIM apresenta para os projetos de construção pública.

- Em 2011, o governo do Reino Unido anunciou uma estratégia de BIM que exige o BIM 3D colaborativo em projetos do governo a partir de 2016. Uma

vez que as contas do governo têm gastado aproximadamente 40% do capital em construções no Reino Unido, isso é uma exigência agressiva.

- Nos Estados Unidos, a Administração Geral de Serviços (GSA) — agência governamental que constrói e gerencia instalações federais e, como tal, o maior proprietário de espaço comercial nos Estados Unidos—começou a exigir a entrega da Modelagem de Informação da Construção para os principais projetos de edificação federal em 2006.
- Desde 2008, o Corpo de Engenheiros do Exército Americano exige o uso do BIM em todos os projetos de construção militar, para aperfeiçoar o tempo de construção e custos.



A figura acima, é a nova linha Elizabeth do metrô de Londres, um projeto de $ 19,8 bilhões de dólares!

A modelagem mostra como a linha e suas estações se inserem na infraestrutura de estações, tubulações e tuneis existentes, possibilitando rápidas mudanças de projeto para evitar interferências.

A modelagem permite, também, monitorar cada item da construção através de um número e código de barras, identificando sua posição e finalidade no conjunto.

Quando inaugurada, em 2018, o modelo servirá para administrar e fazer a manutenção da linha!

No Brasil, a CBIC- Câmara Brasileira da Indústria da Construção, lançou em abril deste ano, o guia 10 Motivos para Evoluir com o BIM, divulgando as vantagens da utilização dessa nova ferramenta.

Como inovação extraordinária, o BIM já tem seu lugar assegurado na indústria da construção e de projetos!

EXPERIÊNCIA E LIDERANÇA NÃO PODEM SER AUTOMATIZADAS

Publicado em 21 de dezembro de 2016.

Experiência e liderança podem ser passadas a um robô? Ao ver o comercial de gigante da exploração petrolífera sobre novas tecnologias, lembrei de um artigo da revista Time sobre "humanização de robots". Nele, o autor salienta: "Deixe-me corrigir um sentimento que talvez você tenha: robots são muito idiotas!"

Apesar de ser uma afirmativa demasiadamente simplista, a frase deve ser levada em cuidadosa consideração, quando observamos o grande impacto que o mundo digitalizado proporciona na área dos projetos e na indústria da construção civil.

Como profissional que, neste ano, comemora 45 anos de formado, este autor tem profunda admiração pela contribuição incalculável fornecida pela informática no nosso ramo. Contudo, a necessidade de se levar em conta o fator humano, nunca deve ser esquecido e ou menosprezado! Explico: com o advento dos programas computacionais de projetos estruturais, hoje, qualquer pessoa medianamente inteligente, mesmo sem formação específica na área, pode se arvorar a projetar uma estrutura.

Tudo muito bom, mas, porém, contudo, todavia, aqui começam os problemas. Já fui chamado, várias vezes, para checar e ou modificar projetos, digo,

saídas de computadores com as mais absurdas soluções. Numa delas, exemplificando, o resultado era: 25 Ø 19 numa viga de 15x 40. Traduzindo: o elemento, como dizem os delegados de polícia, devia colocar 25 “ferros” de 19mm numa viga de concreto com dimensões de 15cm x 40cm. Era melhor adotar viga metálica.

Noutro, a seção de um pilar para suportar laje com área de influência de 4,0m x 4,0m e carregamento residencial, era de 40 x 40 cm. Então ficamos assim: não te tuito e tu não me facebuqueia!

Brincadeiras à parte, independentemente do nível de sofisticação do mundo digital, a experiência e liderança do fator humano devem continuar preponderantes nos sistemas automatizados.

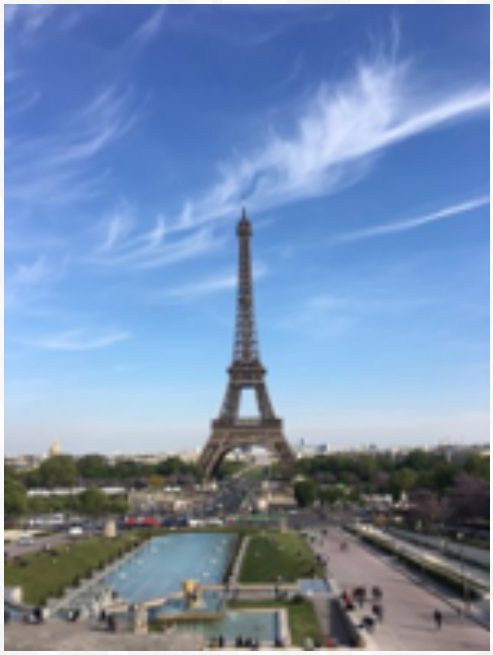
EIFFEL, UMA CULTURA DE DISCIPLINA

Publicado em 20 de julho de 2017.

Os engenheiros estruturais devem enfocar a sua profissão com diligência e um grande senso de responsabilidade para com eles mesmos e a sociedade.

Em 1886, a Comissão do Centenário da Revolução Francesa, que iria fazer grande exposição em 1889,convidou Engenheiros e Arquitetos franceses para apresentarem projetos.

De quase 700 projetos apresentados o vencedor foi o do Engenheiro Gustave Eiffel que já era conhecido por seus projetos de pontes e prédios em toda a Europa e, pela sua contribuição no projeto do esqueleto estrutural da Estátua da Liberdade, anos anteriores.



Eiffel supervisionou e dirigiu o projeto e construção da Torre. Além disso, assumiu pessoalmente o risco financeiro de completar , dentro do prazo (31/03/1889, apenas 22 meses após a assinatura do contrato), e estimativa (6% abaixo dos 1,6 milhões de francos que ele tinha cotado!) a obra.

A Torre Eiffel é uma verdadeira maravilha de engenharia, projetada por um homem que compreendia e apreciava a beleza de uma estrutura aparente como expressão da arquitetura. A curva elegante da torre é o produto da matemática empregada para projetar uma estrutura para resistir aos esforços do vento!

Seu projeto e construção inclui uma série de engenhosas inovações para o seu tempo:

- Uma torre de 300m de altura, a mais alta estrutura do mundo, de 1889 até 1930, com a construção do Edifício Chrysler em N. Iorque;
- Cerca de 7000t de ferro forjado, tido por Eiffel como o único material existente, que possuía a combinação de resistência, moldabilidade , durabilidade e acessibilidade para tornar a construção da torre uma realidade;
- Execução de + de 5000 desenhos em escala, executados com a precisão de décimos de milímetros, das 18000 peças da estrutura, previamente montadas antes de serem enviadas para o canteiro;
- O emprego de vários tipos de fundação, tendo em vista o solo heterogêneo do local, com a utilização de tubulões de aço estanques com ar comprimido, permitindo a construção abaixo do nível d'água;

- Elevadores que subiam pelas “pernas “inclinadas da torre levando a alturas nunca dantes atingidas;
- Instalação de um laboratório científico na Torre, com o primeiro túnel de vento, estabelecendo Eiffel como o pai da Engenharia Eólica prática das Estruturas!

Apesar de todas as inovações, numerosos escritores, poetas, artistas, pintores e escultores e arquitetos de Paris condenaram a Torre como “ sem serventia alguma... monstruosa...um volume bárbaro, humilhando todos os outros nossos monumentos...”.

Eiffel respondeu: “Da minha parte, acredito que a Torre possuirá sua própria beleza. Mantenho que a inclinação das quatro faces, ditadas por um cálculo matemático... irão permitir uma grande impressão de resistência e beleza!...”.

Engenheiros, hoje, podem aprender com o trabalho de Eiffel e com a cultura de disciplina que ele empregou no projeto e construção da sua Torre!

A nova geração de engenheiros estruturais é chamada para projetar estruturas com maiores alturas e maiores vãos, que tem miríade de formas complexas, e cronogramas de execução cada vez exíguos!

Grande maioria dos engenheiros trabalha “pesado”, mas, agora, devemos também, trabalhar inteligentemente!

A prática da Engenharia Estrutural oferece a oportunidade de projetar es-

truturas magníficas que proporcionam grande beleza e influenciam as vidas de muitas pessoas.

Dentro do espírito legado por Eiffel e sua Torre, recomendo ao jovens Engenheiros Estruturais uma cultura de Disciplina e Inteligência!

CAPÍTULO III

DEMOLINDO O EDUARDO (PARTE I)

Publicado em 11 de setembro de 2017.

Conforme Marx, modo burguês de produção adentra novas fronteiras, conquista espaços distanciados da localidade originária do capital, e reproduz sua ferocidade por maiores lucros, como também o...

Caros possíveis leitores, 2 notas preliminares:

1ª – O Eduardo do título, não é o nosso senador e ex-governador, e sim, o engenheiro militar Eduardo Ribeiro, o maranhense que aqui chegou no sec. XIX;

2ª – O subtítulo não é nenhuma tese sobre o grande pensador alemão, cujas boas ideias foram deturpadas ao longo dos tempos! É a introdução de uma tese sobre a cidade de Manaus no auge do período da borracha, ou como determinadas pessoas adoram dizer, a Belle Époque!

Tive que ajudar minha querida neta num trabalho sobre aquele período, tal a complexidade das colocações necessárias para discorrer sobre o tema!

A começar pelo título:

QUANDO VIVER AMEAÇA A ORDEM URBANA!

Confesso que tive grandes dificuldades! As pesquisas realizadas nas bibliotecas e na Internet, revelaram uma miríade de teses, quase todas unânimes em criticar, desfazer, colocar por terra – daí o título deste – tudo que o poder público realizou naquela época!

Fiquei estupefapto! (Pensei que estupefacto era com PT)! Havia realmente um complot contra as classes menos favorecidas e contra os índios? Como fomos tão cruéis e desalmados?

O primeiro código de obras do país, a primeira eletrificação urbana, os bondes, o Teatro, o porto flutuante – inédito na época -, os estudos de Medicina Tropical pioneiros etc. Tudo isso foi executado ou foi possível tendo em mente ou graças a espoliação das classes trabalhadoras?

Senão vejamos: o primeiro a meter o pau é o Eduardo (o 3º!) Galeano no excelente As Veias Abertas da América Latina." O Teatro Amazonas, monumento barroco de bastante mau gosto (?), é o símbolo maior da vertigem daquelas fortunas do princípio do século. O tenor Caruso cantou para os habitantes de Manaus na noite de inauguração, por uma soma fabulosa, depois de subir o rio através da selva". Então Caruso realmente cantou aqui?

O próximo, é o Eduardo (o 4º!) Bueno, no seu também excelente Brasil: Uma História. Pelo menos o Bueno disse "Em 1896, foi inaugurado o primeiro teatro do Brasil, o fabuloso Amazonas, decorado com opulência". [...]"é um dos únicos sinais palpáveis de um ciclo econômico que acabou melancolicamente,

depois de ter custado muito sangue e suou aos seringueiros...”

O nosso Teatro foi mesmo o primeiro!

Agora, as teses (?) mais modernas:

AMEAÇA À ORDEM URBANA: ANALOGIAS URBANÍSTICAS E A MANAUS DA BELLE ÈPOQUE.

Paulo Marreiro dos Santos Jr – Mestrando da PUC-SP.

“Buscando adaptar-se para atender aos ditames do mercado mundial no mesmo instante em que se mostrava receptiva aos valores culturais da Belle Époque francesa, as elites manauaras intervêm fortemente na estrutura urbana, modificando hábitos, disciplinando posturas, execrando costumes, secionando e saneando espaços e, ao mesmo tempo, marginalizando e excluindo populares.”

MANAUS: DA “ZIRMA” DOS VIAJANTES A “MAURILIA” DOS HISTORIADORES.

Leno José Barata Souza – Mestre em História Social pela PUC/SP. Doutorando do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC/SP.

“Adotou-se toda uma linguagem científica para condenar as moradias de palha e barro ou qualquer outra que não estivesse de acordo com as regras de construção ditadas por um cientificismo urbano, tanto quanto antiestéticas e chamarizes do feio e do grosseiro concorriam agora como um foco potencial de doenças e combatidas do centro que se queria requintado, toleradas ape-

nas nos arrabaldes mais distantes deste."

MANAUS, UMA GEOHISTÓRIA NO PERÍODO ÁUREO DA BORRACHA

Carla Cristina Vasconcelos Batista.

"Mas, esse fluxo migratório prejudicou substancialmente Manaus, pois não possuía infraestrutura suficiente para atender a demanda de pessoas, deixando-as as margens da cidade. Além de ter transformado o índio em trabalhador urbano. A "modernidade" arrasou tudo que era considerado feio e atrasado. Segundo a historiadora Francisca Deusa Sena da Costa, anteriormente a natureza era vista como paraíso, mas no século XVIII, sobretudo no XIX, essa ideia muda, o homem passa a ver a natureza como algo depreciável. Enfim, era necessário embelezar a cidade para atrair os estrangeiros negociantes da borracha e estabelecerem-se na cidade"!

O trecho sublinhado contém uma informação interessantíssima! A de que, no sec. XIX o homem passa a encarar a natureza como algo desprezível!

Gostaria de saber em que foi baseada essa informação!

Poderia continuar ad infinitum com as teses (?) mais esdrúxulas possíveis, mas pouparei o leitor.

Com todo respeito aos pseudointelectuais e possíveis estudiosos da História, acredito que a realidade é mais prosaica.

Descreverei abaixo, o que considero uma verdadeira revolução para a época – as intervenções feitas pelo poder público na cidade de Manaus.

Começarei pelo Porto, maravilha da engenharia, em aço, que até nos dias de hoje, continua servindo a Capital!

Passo ao saneamento realizado com o aterro dos igarapés, possibilitando a abertura de novas ruas, avenidas e bulevares, a implantação dos serviços dos bondes, a eletrificação, as pontes de ferro, a pavimentação das ruas, as redes de água e esgoto sanitários, e os serviços de telefonia e telegrafia!

Aliado a tudo isso novas ideias e pensamentos começaram a circular, notadamente na medicina tropical, na música, nas artes, enfim.

Com o desenvolvimento econômico, Manaus transformou-se numa cidade moderna, equiparando-se com a capital federal, o Rio de Janeiro.

Continua...

LEMBRANDO OU RELEMBRANDO PARA NÃO ESQUECER!

Publicado em 25 de fevereiro de 2019.

Na Idade do Gelo, mais ou menos nessa data, eu e o saudoso e querido Jorge Elias tomamos o 205 da Varig e nos mandamos para a Cidade Maravilhosa!

Tinha ganhado uma bolsa de pós graduação da COPPE, com complementação da Cappes, para mestrado e doutorado em Estruturas. Levava uma carta de recomendação e pedido do Dr. Anderson Dutra, nosso reitor, para que me fosse garantida a vaga no ano seguinte, pois a Universidade tinha me contratado como Auxiliar de Ensino.

Claro, óbvio, evidente, que era Carnaval!

- A Portela ainda ensaiava no Mourisco e as tangas estavam no auge! (O Jorge adorou a tanga do Gabeira- brincadeira!).
- Pois bem, segue o andor, comu dicia o Jacaré, digo, Manoel Octávio, chegamos no Fundão e fomos recebidos pelo Prof. Lobo Carneiro! Ao ler a carta do reitor notei expressão de desagrado, mas, chamou a secretária e disse para garantir minha vaga no ano seguinte. Conversamos sobre nossa terra, o Amazonas, e ele, gentilmente nos levou para conhecer o laboratório de ensaios. La estava um dos pesquisadores, um parente do Neto da Juta, o querido Acácio, chamado Yoshiaki Nagano ou coisa parecida, aparecida, comu dicia o Belchior!
- O laboratório era todas fissuras! Nas peças que estavam sendo tes-

tadas, claro! E nós ficamos impressionados!

- Após a visita o Prof. Lobo Carneiro dice: Olha, Amaury, a porcentagem dos alunos que não tira o mestrado após pedido de postergação do curso e de cerca 95%! Espero que voltes! O país precisa de professores!
- Palavras proféticas! Não retornei!
- Antes de sair da Universidade, recebi 2 grandes pesquisadores que iam proferir cursos/palestras na COPPE:
- Vitor Monteiro português, autor do livro de Manual de Betão Armado, que nos, o Dr. Villar e Eu, levamos para comer um tambaqui assado!
- E después, a glória: Adam Neville de Leeds autor do obrigatório Properties of Concrete onde menciona o ensaio de tração ou diametral proposto pelo Prof. Lobo Carneiro! Numa das edições, o Professor Neville fala da grandeza do nosso país e menciona textualmente, Manaus!
- Ficamos asi! Fui!

NOTAS DE VIAGEM

Publicado em 25 de fevereiro de 2019.

1. Os funcionários, agentes dos consulados, embaixadas, et caterva, aqui acreditados, parecem que estão fazendo favor no atendimento dos brasileiros! Além disso, nada fazem para desmentir as notícias falsas e inverídicas que a imprensa comusocialista na Europa divulga! É dose!
2. Régua! Outro superintendente da Suframa de fora? Será que não tinha ninguém capaz e honesto in Manô city para o cargo? Podiam ter me chamado! Pessoalmente, acho que a Suframa, bem ou mal, já cumpriu o seu papel e, como há tempos virou cabide de empregos, já devia ser extinta!
3. Esqueçam BR-319! O mal que a azêmola da Marina e a pseudointeligentzia-petista-comunista-ambientalista causaram já era! Agora é too late! O Pará, mais uma vez, vai ser beneficiado com a BR-163! Nossos políticos, na maioria corruptos, foram também diplomados em incompetência, que, como a corrupção, e tão danosa para o país!
4. O esquema, digo, Sistema S começou a ser desmontado com a prisão do presidente da Confederação Nacional da Indústria! Boa notícia! Falta, agora, partir para a canalla dirigente nos estados! Principalmente no nosso!

Tá chovendo muito aí?

Acá está fazendo frio! Brrr!

ÉTICA

Publicado em 18 de setembro de 2019.

"Há cento e cinquenta anos falecia Immanuel Kant, depois de passar os oitenta anos da sua vida na cidade provinciana de Königsberg , na Prússia. Há muitos anos que o filósofo se aposentara completamente, e seus amigos pretendiam dar-lhe um funeral discreto. Mas Kant, filho de um artesão, foi enterrado como um rei! Quando a notícia da sua morte se espalhou pela cidade, o povo foi à sua casa. No dia do funeral a vida da cidade parou. O caixão foi seguido por milhares de pessoas, enquanto tocavam os sinos de todas as igrejas."

O trecho acima é de Karl Popper, numa palestra radiofônica de 1954.

Outro enterro, de maiores proporções, ocorreu em 1791, em Paris, quando a Assembleia Nacional da Revolução triunfante obrigou Luís XVI a mandar trazer os restos de Voltaire de Scèllieres para o Panteon. As cinzas foram escoltadas através de Paris por um cortejo de 100.000 homens e mulheres enquanto 600.000 outras pessoas ocupavam as ruas!

Não é difícil explicar o que uniu as pessoas em ambos os acontecimentos. Eles foram demonstrar sua gratidão aos dois maiores pensadores do Iluminismo!

No caso de Voltaire, estavam inscritas no carro fúnebre as palavras: "Ele

deu à mente humana um grande impulso; ele nos preparou para a liberdade"! Na lousa de sua sepultura três palavras foram suficientes: AQUI JAZ VOLTAIRE.

No caso de Immanuel Kant, sua gratidão ao mestre dos Direitos do Homem, da igualdade perante a lei, da cidadania mundial, e, possivelmente o mais importante, da emancipação pelo conhecimento!

O traço comum desses gigantes da humanidade era a sua postura ética! Ambos incorruptíveis!

A revolução que Immanuel Kant promoveu no campo da ética está na doutrina da autonomia- o princípio de que não podemos aceitar a ordem de uma autoridade, por mais elevada que seja, como base última da ética. Sempre que defrontarmos uma ordem, é nossa responsabilidade julgar se ela é moral ou não! Sobre esse ponto- a lei moral, o filósofo apresenta várias formulações.

Com base nessa ética, Kant elaborou sua teoria do Estado, de grande importância, e do direito internacional- propôs uma liga das nações ou federação que conduziria à proclamação e à manutenção da paz eterna sobre a Terra!

Hoje, passados 215 anos da morte de Kant, no mar de lama que existe no nosso querido país, tempos de crise, as coisas que mais contam são as coisas do "espírito" transmitidas pelos grandes mestres: a Ética e a Moral!

Como Voltaire e Kant, não se deve perder a coragem, por mais desanima-

dora que seja a perspectiva política e intelectual.

PAULO GRAÇA – CONTANDO HISTÓRIAS

Publicado em 18 de maio de 2017.

Em relação à criação do Caderno C não dá pra ir adiante sem falar da par-

ticipação do professor Paulo Graça. Quem conheceu o Paulo sabe do brilhantismo do seu conhecimento intelectual, doutor com todas as letras na literatura, professor dos mais ilustras da Universidade Federal do Amazonas, autor de vários livros e durante bom tempo, articulista do Caderno B, do Jornal do Brasil, quando o JB era um dos mais destacados veículos da mídia brasileira. Foi um dos maiores intelectuais da história recente do Amazonas.

Paulo foi um colaborador e tanto do Caderno C, de A Crítica. Além dos artigos que produzia para o caderno, fazia sugestões a fim de melhorar a edição e muitas vezes se dava ao trabalho de fazer resenhas para uma coluna sobre livros que ele nem assinava. O que o Paulo queria mesmo, era abrir um espaço de cultura e entretenimento, que fosse regular na imprensa local. Conseguiu!

Outro destaque do Caderno C foi o escritor, poeta e publicitário Simão Pessoa. A cada segunda-feira um Simão mais atual aparecia, tornando o espaço dedicado aos artigos – em cada edição participavam de quatro a cinco articulistas – mais procurado e disputado. Além de temas variados e atuais, Simão Pessoa emprestou ao Caderno C, um texto moderno, com uma rara qualidade.

Nos dias do Caderno C, o bar que bombava era o “Paulo’s”, localizado no Conjunto Petros. A Boite dos Ingleses estava a todo vapor, enquanto o “Nostalgia” engatinhava na Cachoeirinha.

Na Estrada da ponta Negra algumas casas noturnas começavam a surgir. O “Kanamari” era uma delas. O cabelo da rapaziada era mais comprido, barba ainda fazia sucesso no meio acadêmico e a minissaia botava as pernas pra fora da mulherada. Havia pouco ar condicionado nas casas. A arquitetura histórica de Manaus sofria efeitos violentos do crescimento desordenado da capital e o Bar do Armando começava a ser ponto de encontro de jornalistas, professores, artistas, escritores, músicos...

O dono de A Crítica, Umberto Calderaro, se preparava para comprar a TV Baré e uma rádio, enquanto o jornalista Atlas Bacelar assumia a redação do jornal. Mas estas são histórias mais para a frente...

MÁRIO ADOLFO – CONTANDO HISTÓRIAS

Publicado em 25 de julho de 2017.

Pery Augusto, um jornalista nascido na Paraíba que construiu carreira no Rio de Janeiro e que resolveu encerrar a carreira em Manaus, era o chefe da nova redação inaugurada em A Crítica nos anos 80, que era bem maior do que a anterior. O acesso se dava pela rua Joaquim Sarmento e, nesta redação, tive oportunidade de conviver com uma geração de grandes profissionais, entre os quais, Flávio Seabra, Mario Monteiro, Gabriel Andrade, Isaías Oliveira, Aldísio Filgueiras, Mario Adolfo, Inácio Oliveira, Atlas Barcelar, Chica do Vale, Flávio Assen, Hermengarda Junqueira, Antônio Menezes, Jorge Estevão, Luisinho Vasconcelos, Carlos Dias, Sebastião Reis, entre outros.

Pery vivia e transpirava jornal. Durante muitos anos dirigiu a redação e, apesar do semblante fechado, tinha lá seus dias de bom humor. De certa vez, o Mário Adolfo, que era o Editor Internacional, queria uma fotografia de um vulcão que dera sinal de vida no México – na rotina do jornal era preciso selecionar as fotos nacionais e internacionais que seriam solicitadas à Agência UPI. O código de cada foto escolhida era repassado para a Neide, que comandava o laboratório do jornal. Ela enviava o pedido e aguardava o material que chegava dentro de um cilindro metálico, via sinal de telefone fixo. Era dessa maneira que as fotografias nacionais e internacionais chegavam – Pery ouviu a solicitação do Mário e no final concluiu: “Mário pega uma foto de arquivo... E, antes que Mário argumentasse, ele concluiu: “vulcão é tudo igual, um buraco saindo fumaça...”

Nessa época, o mais concorrido Baile de Carnaval em Manaus era o Baile do

Hawai, no Olímpico Clube.

Também nesse tempo o ICHL (Instituto de Ciências Humanas e Letras) da Ufam, funcionava na rua Major Gabriel, esquina com a Ramos Ferreira, concentrando um centro dinâmico do pensamento político local. O Bar Galvez havia estava recém-inaugurado na rua Major Gabriel, alguns quarteirões após o ICHL. Era ali que jornalistas, escritores, artistas, acadêmicos e outras tribos se reuniam e, nas madrugadas adentro, fundavam jornais, criavam revistas e promoviam a revolução...

Muitas mudanças ocorreriam a partir da nova redação de A Crítica, como o surgimento do "editor de primeira página", as reuniões das 17h... Mas estas são histórias mais para a frente...

PERY AUGUSTO – CONTANDO HISTÓRIAS

Publicado em 11 de agosto de 2017.

As importadoras dominavam o comércio de Manaus, oferecendo de perfumes aos tênis mais desejados. Indústrias começavam a chegar ao Distrito Industrial. Manaus crescia e A Crítica também. Na nova redação, era hora de introduzir algumas mudanças. Havia uma concentração exagerada nas mãos de Pery Augusto. Ao mesmo tempo ele era chefe de redação, controlava a coluna Sim e Não, fechava a primeira página e editava as páginas de política.

Eu era chefe de reportagem e editor do Caderno C. Aos poucos conseguimos fazer as mudanças. Flávio Assen passou a Editor de Política, Pery Augusto assumiu o "Sim e Não" e Mário Monteiro a função de editor de Primeira Página. Estava criada a função específica de editor de Primeira Página, entregue ao talento nato do jornalista Mário Monteiro.

Pery Augusto se manteve um tempo como chefe de redação, depois foi substituído pelo jornalista Atlas Bacelar, que ficou até ir para a TV Baré – hoje TV A Crítica – comprada nos anos 80 por Umberto Calderaro – numa jogada de mestre silenciosa e que surpreendeu o mercado.

No Hotel Tropical era tempo das Discotecas, a Boite dos Ingleses, na área portuária de Manaus resistia ao tempo e tinha público cativo. Um jornalista de barba longa e cabelos rebeldes chegava a Manaus como correspondente do Jornal do Brasil. Era o pai do "Bebe Diabo", mas essa é uma história mais para a frente...

A CRÍTICA – CONTANDO HISTÓRIAS

Publicado em 11 de setembro de 2017.

O cantor Paulo Sérgio cantava a "Última Canção" enquanto Antônio Marcos falava da "Menina de Trança". Nossos cabelos eram longos e alguns usavam barba. Na redação de A Crítica, os diagramadores utilizavam mesas tais quais de desenhistas e uma pessoa ficava boa parte do tempo ao lado dessas mesas atento às determinações do diagramador, pois era ele quem levava as matérias para um lado e para outro. Às vezes para um editor ou a um repórter, às vezes ao setor de composição, onde a matéria era formatada para ser colada em página.

Esse vai-e-vem era feito pelo "Ponto de Vista", apelido dado pelo olhar "trocado" que ele tinha. Não sei ao acerto quem o batizou, mas tenho a impressão que foi o jornalista Flaviano Limongi que, ao chegar certo dia à redação, deu de cara com ele e tascou: "Ei, Ponto de Vista!" pegou na hora! Até o Calderaro o chamava assim. Durante anos ele trabalhou na redação.

Nesses anos de algumas mudanças na redação, uma nova dinâmica também passou a ser adotada no dia a dia. Nem todo mundo gostou, mas era algo necessário e hoje muito frequente nos jornais: a reunião das 17h. Era quando os editores de página – polícia, esportes, cidade, política, nacional, internacional e variedades – se reuniam com o editor de primeira página e o diretor de redação. Ali os temas dos dias eram destacados. Praticamente se definia a manchete do dia e as notícias que iriam para a primeira página.

Nesses anos, A Crítica consolidava a liderança no mercado. O jornal A Notícia, após ser vendido por Andrade Neto ao empresário Moura Lopes, iria chegar às mãos do Grupo Garcia, enquanto o Jornal do Commercio, depois de vender o prédio da Eduardo Ribeiro ao Banco Real, estava de sede nova no Bairro Japiim e se preparava para montar uma redação cheia de talentos... mas essa e uma história mais para a frente...

JORNAL DO COMMERCIO - CONTANDO HISTÓRIAS

Publicado em 10 de outubro de 2017.

Depois de mudar-se para o novo prédio, à av. Santa Cruz Machado, onde funciona até hoje, o Jornal do Commercio – JCAM, que havia sido comprado dos Diários Associados pelo empresário Guilherme Aluizio, resolveu investir na contratação de jornalistas e mexeu no mercado, contratando vários profissionais que estavam em outras empresas locais.

O jornalista Frânio Lima, exercia a função de Diretor de Redação do JC. Professor do Curso de Comunicação da Ufam era meticuloso e rigoroso na ética e na correção do português. Frânio fechava a primeira página do jornal e a coluna de opinião, Frente & Perfil.

Entre os novos contratados do Jornal do Commercio estavam Wilson Nogueira, Sérgio Bartholo, Georgina Andrade, Paulo Castro, Warnoldo Freitas, Aldísio Filgueiras, Narciso Lobo, Auxiliadora Tupinambá, Epitácio Pessoa, entre outros. Participei dessa redação na função de Editor de Cultura, deixando minhas funções de Chefe de Reportagem e Editor do Caderno C, de A Crítica.

O projeto era ousado, mas esbarrou numa diagramação formal e fixa, que não valorizava o conteúdo. Era muito tradicional. Outros problemas como a falta de um bom departamento comercial e um setor forte de circulação, frustraram o projeto. O material editorial era bom, mas poucos o liam.

Nesses anos, o Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), que funcionava à rua Major Gabriel e o Curso de Agronomia, no Campus Universitário, disputavam as lideranças no meio dos estudantes. Gonzaguinha, Fagner e Taiguara eram os cantores dos universitários e andar com livros de Marx e Engels, dava certo status de intelectual de esquerda.

Sem a estrutura adequada, o projeto do Jornal do Commercio começava a perder profissionais. Era hora de alçar outros voos. As assessorias começavam a pagar bem melhor do que as redações... mas esta é uma história mais para a frente...

A CRÍTICA E A NOTÍCIA – CONTANDO HISTÓRIAS

Publicado em 14 de novembro de 2017.

No final dos anos 70, os jornais A Crítica e A Notícia disputavam a liderança de mercado em Manaus. Ambos tinham redações fortes e seguiam a mesma tendência no noticiário, investindo principalmente em Política, Esportes e Polícia.

Quem comandava a redação de t era o jornalista Bianor Garcia, mais ligado às manchetes sensacionalistas, preferencialmente policiais, enquanto o comando de A Crítica era de um jornalista carioca, correspondente do Jornal do Brasil no Amazonas, chamado Caldas, mais próximo da área política.

O time de A Notícia, cujo dono era Andrade Neto, contava com jornalistas como o Gabriel Andrade, Raimundo Holanda, Ivânia Vieira, Carlos Costa, Terezinha Soares, Isaías Oliveira, Sebastião Reis, Carlos Aguiar, Nicolau Libório, Antônio Corrêa, Antonildo Meneses, etc.

Na primeira página e nas capas de cadernos, A Notícia usava a cor vermelha, abrindo manchetes sem seguir um padrão determinado da diagramação e que variava bastante. Estava muito mais para Notícias Populares, de São Paulo do que para O Globo.

No time de A Crítica estavam Messias Sampaio, Leal da Cunha, Manoel Lima, Mário Monteiro, Antônio Menezes, Luiz Vasconcelos, Sebastião Assante, Chica do Vale, Neide, Luiz Octavio, Leopoldo Sampaio, Gil, entre outros.

A Crítica, de Umberto Calderaro, usava a cor azul e seguia um padrão de diagramação que privilegiava o uso de colunas, seguindo uma tendência ainda forte nessa época do jornal Última Hora, do Rio.

Nessa época em várias ocasiões A Crítica e A Notícia travaram duelos em editoriais fortes, dividindo a cidade que a cada dia aguardava mais um capítulo da disputa envolvendo as duas empresas. Mas esta é uma história mais para a frente...

FRANCISCO PACÍFICO - CONTANDO HISTÓRIAS

Publicado em 20 de dezembro de 2017.

Maço de cigarro no bolso, camisa de mangas curtas e um jeito muito pessoal de ficar batendo com o cigarro na palma da mão até acendê-lo. Um jeito simples de ser, mas de olhar firme e frases bem construídas, num olhar atento e inquieto, capaz de passar dias atrás de uma informação até fechar uma matéria. Assim era o Francisco Pacífico, ou melhor, Chico Pacífico, um dos melhores repórteres investigativos da história do Amazonas.

Conheci Chico na redação de A Crítica, onde durante muitos anos trabalhou na Editoria de Polícia. Havia sido contratado do Jornal do Commercio e era um dos principais nomes do matutino que naquela época – anos 80 – ainda funcionava na avenida Eduardo Ribeiro. Chico chegou n'A Crítica na condição de uma estrela que era, mas sempre foi uma pessoa simples, gentil e de uma conversa saborosa.

Dessa época, o amigo Zezinho, fotógrafo que hoje empresta o talento na Câmara Municipal de Manaus, lembra que determinado dia, Chico o chamou para irem a uma área onde estava havendo uma invasão. Hoje o Zumbi dos Palmares. Antes de chegar ao local e após convencer Zé que era melhor ir de ônibus, Chico explica: "vamos virar invasor para ver melhor essa onda".

Assim fez depois de orientar o Zé: “vai pra um lado que eu vou pro outro e faz foto na moita”, assim foi feito e dias depois Chico presenteava os leitores com um relato completo, humano e verdadeiro de inúmeras situações que viveu naqueles dias entre os invasores. Dos dramas pessoais ao gole de cachaça coletivo, Chico viveu ali um daqueles momentos que só os repórteres por vocação podem avaliar.

Chico partiu cedo, quando estava no Amazonas em Tempo, fazendo o que mais gostava, que era viver todo dia a aventura de ser repórter. Pacífico tinha talento nato. Escrevia fácil e conseguia aliar esta condição à paciência e à persistência de construir uma investigação tijolo a tijolo. Em uma dessas investidas passou um tempo dormindo a cada noite em um local para evitar possíveis visitas inoportunas, mas esta é uma história mais para a frente...

JOSÉ MARQUEZ - CONTANDO HISTÓRIAS

Publicado em 11 de janeiro de 2018.

Barbas longas e cabelo sempre fora do lugar, ele passou um bom tempo em Manaus e embora correspondente do Jornal do Brasil com exclusividade, passava as tardes na redação de A Crítica. Nascido em São Paulo e Prêmio Esso Nacional tinha um texto refinado. Às vezes desafiava os colegas se propondo a escrever um determinado número de linhas sem usar um "que". Conseguia!

Esse era José Marquez, um dos correspondentes que deixaram boas lembranças em Manaus, numa época em que os grandes jornais, O Globo, Estado de São Paulo e Jornal do Brasil mantinham correspondentes praticamente em todos os estados. O JB, no entanto, era quem pagava melhor. Fosse hoje, o salário deveria oscilar entre 15 e 17 mil reais. Globo e Estadão pagavam bem menos e na maioria das vezes contratavam alguém da própria cidade, sem exigir exclusividade.

Além do texto e do status de correspondente do JB, José Marquez tornou-se conhecido pelo fato de ser o "pai" do "Bebê Diabo". Após ganhar o Prêmio Esso ele curtiu umas férias na Europa. Ao retornar fez um contrato com o jornal sensacionalista Notícias Populares, antes de assinar com o JB. Foi onde contou a história.

Marquez deixou a capital São Paulo e chegou a Campinas. De lá, ele "plantou" uma matéria com o nascimento do "Bebê Diabo". Uma figurinha que, conforme o texto, nascera com dois chifres e um rabo. Em seguida ele viajou para outra cidade e neste local o "bebê", com um mês, falava palavrões a torto e a direito...

Dessa maneira, José Marquez foi alimentando a história. A cada cidade o "Bebê Diabo" aprontava alguma e o jornal "Notícias Populares" abria manchetes: "Bebê Diabo assusta padres e freiras", "Ciência não sabe explicar fenômeno Bebê Diabo"... e assim foi até chegar em Manaus, quando foi contratado pelo JB.

Marquez ainda começou a falar do boto que engravidava as moças no interior. Mas essa é uma história mais para a frente...

FLÁVIO SEABRA – CONTANDO HISTÓRIAS

Publicado 18 de abril de 2018.

O telefonema de um fraterno amigo jornalista Flávio Seabra de Minas me colocou em contato com outros três jornalistas que chegavam a Manaus para criar um jornal. Era um começo do Jornal do Norte, mas essa é uma história mais pra frente...

Há uma grande diferença entre Editor e "Fechador de Páginas". Eu tive a felicidade de conhecer alguns profissionais diferenciados nessa função.

Um deles trabalhou durante anos em A Crítica e encerrou atividades no Em Tempo, completando uma jornada que teve início em A Notícia. Foi um dos melhores editores que conheci no eixo Manaus-Brasília-Belo Horizonte.

Conheci o jornalista Flávio Seabra quando eu era repórter de esportes de A Crítica e ele era o Editor de Esportes de A Notícia. Anos depois, trabalhamos em A Crítica. Ele Editor de Esportes e eu na Chefia de Reportagens.

A diferença entre o Editor e o "Fechador de Páginas" vai desde a escolha da manchete, ao posicionamento de imagens (fotos, artes, charges) até a distribuição das outras matérias.

Parece simples, mas não é. O Flávio Seabra além de fazer isto com rara facilidade tinha outro mérito: era capaz de editar boas páginas com material fraco, ou seja, conseguia tirar leite de pedra como se costuma dizer.

Outra característica do Seabra era a organização. Tinha uma agenda super organizada onde, além de nomes e número de telefones, guardava tabelas de campeonato, artilheiros, escalações de time, etc.

Flávio Seabra comandou editorias constituídas por jornalistas como o Sebastião Reis, Roberto Augusto e Agnelo Oliveira. Foi ele quem conseguiu o primeiro emprego do Sebastião Reis, no Rio de Janeiro, na Agência de Notícias Sport Press, de onde "Reizão" sairia depois para fazer uma brilhante carreira no jornal O Estado de São Paulo. Flávio Seabra encerrou atividades profissionais no Em Tempo.

O telefonema de um fraterno amigo jornalista de Minas me colocou em contato com outros três jornalistas que chegavam a Manaus para criar um jornal. Era o começo do Jornal do Norte, mas essa é uma história mais para a frente...

PERY AUGUSTO – CONTANDO HISTÓRIAS

Publicado em 02 de maio de 2018.

As importadoras dominavam o comércio de Manaus, oferecendo de perfumes ao tênis mais desejados. Indústrias começavam a chegar ao distrito, Manaus crescia e A Crítica também. Na nova redação era hora de introduzir algumas mudanças. Havia uma concentração exagerada nas mãos de Pery Augusto. Ao mesmo tempo ele era chefe de Redação, controlava a coluna Sim e Não, fechava a primeira página e editava as páginas de política.

Eu era chefe de reportagem e editor do Caderno C. Aos poucos conseguimos fazer as mudanças. Flávio Assen passou a editor de Política, Pery Augusto assumiu o Sim e Não e Mário Monteiro a função de editor de Primeira Página. Estava criada a função específica de editor de Primeira Página entregue ao talento nato do jornalista Mário Monteiro.

Pery se manteve um tempo como chefe de Redação, depois foi substituído pelo jornalista Atlas Barcelar, que ficou até ir para a TV Baré – hoje TV A Crítica – comprada nos anos 80 por Umberto Calderaro – numa jogada de mestre silenciosa e que surpreendeu o mercado.

No Hotel Tropical, era tempo das Discotecas, a Noite dos Ingleses, na área portuária de Manaus resistia ao tempo e tinha publico cativo. Um jornalista de barba longa e cabelos rebeldes chegava a Manaus como correspondente do Jornal do Brasil. Era o pai do Bebê Diabo, uma história que já foi contada nesta série de crônicas...

CONTANDO HISTÓRIAS

Publicado em 06 de junho de 2018.

Depois de mudar-se para o novo prédio na Avenida Santa Cruz Machado, onde funciona até hoje, o Jornal do Commercio, que havia sido comprado dos Diários Associados pelo empresário Guilherme Aluizio, resolveu investir na contratação de jornalistas e mexeu no mercado, contratando vários profissionais que estavam em outras empresas locais.

O jornalista Frânio Lima, exercia a função de diretor de redação do JC. Professor do Curso de Comunicação da Ufam, Frânio era meticuloso e rigoroso na ética e na correção do português. Ele fechava a Primeira Página do jornal e a coluna de opinião, Frente & Perfil.

Entre os novos contratados do JC estavam Wilson Nogueira, Sérgio Bártholo, Georgina Andrade, Paulo Castro, Warnoldo Freitas, Aldísio Filgueiras, Narcísio Lobo, Auxiliadora Tupinambá, Epitácio Pessoa, entre outros. Participei dessa redação na função de editor de Cultura, deixando minhas funções de chefe de reportagem e editor do Caderno C, de A Crítica.

O projeto era ousado, mas esbarrou numa diagramação formal e fixa que não valorizava o conteúdo. Era muito tradicional.

Outros problemas como a falta de um bom departamento comercial e um setor forte de circulação, frustraram o projeto. O material editorial era bom, mas poucos o liam.

Nesses anos, o Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), que funcionava na rua Major Gabriel e o Curso de Agronomia, no Campus Universitário, disputavam as lideranças no meio dos estudantes. Gonzaguinha, Fagner e Taiguara eram os cantores dos universitários e andar com livros de Marx e Engels, dava certo status de intelectual de esquerda.

Sem a estrutura adequada, o projeto do JC começava a perder profissionais. Era hora de alçar outros voos. As assessorias começavam a pagar bem melhor do que as redações... Mas essa é uma história mais para a frente...

CONTANDO HISTÓRIAS

Publicado em 04 de julho de 2018.

O telefonema de um querido amigo e jornalista de Minas Gerais, Estevan Dulci, me avisou que três jornalistas de São Paulo estavam em Manaus e precisavam falar comigo. O ano era 1995 e ali começava a história do Jornal do Norte, que teve uma existência meteórica, mas com passagens interessantes.

No primeiro encontro com os jornalistas de São Paulo, Paulo Markun, Marília Assef e Mercadante tive a informação de que o jornal pertencia ao empresário e empreiteiro Paulo Girardi, a quem só conhecia de vista e do noticiário. Fui convidado a assumir a editoria geral, que seria responsável pelas editorias de Cidade e Polícia.

Nenhum dos três conhecia o mercado de Manaus e nenhum outro jornalista que trabalhasse na capital amazonense. Passei então a ser o responsável pelas indicações de colegas jornalistas para compor o projeto que estava nascendo. Entre outros, indiquei Luiz Cláudio Tinôco, Sebastião Assante, Gabriel Andrade, Joana Queiroz, Robson Carvalho, Hiel Levy, Isaías Oliveira, Evandro Lôbo, Lúcia Cordeiro, Betty Rita, Osmir Medeiros, Miriam Malina, Ana Cláudia Jatahy, Castelo Branco, Adalto Xavier, Eduardo Gomes, J. Mendonça, Lenise Ypiranga, Liliane Maia, Beth Menezes e Nely Pedroso.

Outros como Paulo Castro e Paulo França Segadilha também foram indicados, mas não houve acordo.

O endereço do novo jornal era o bairro de São Sebastião, na avenida André Araújo, onde hoje funciona a Editora Novo Tempo. A redação estava sendo preparada. Em espaço físico seria a maior redação de Manaus e no andar de baixo uma impressora zerada estava pronta.

Um projeto novo e bem-sucedido de Editoração do jornal "O Estado de Minas" foi comprado. Era tempo de começar o treinamento para editores e repórteres, mas uma contraofensiva da mídia local causou o atraso no lançamento do jornal que teve de mudar de endereço e temporariamente passou a funcionar em uma casa ao lado do Amazonas Shopping, na avenida Darcy Vargas. Mas essa é uma história mais para a frente...

CONTANDO HISTÓRIAS

Publicado em 08 de agosto de 2018.

Fui o primeiro jornalista a ser contratado pelo diretor geral do Jornal do Norte, Paulo Markun, e por essa razão terminei indicando uma boa parte dos colegas que fizeram parte da primeira formatação da redação. Fui o segundo a ser demitido, no mesmo dia em que ocorreu o desligamento do jornalista Isaías Oliveira, que era editor de Economia e eu editor de Geral, que compreendia Cidade e Polícia.

Eu havia conversado naquele dia com alguns colegas editores, para que ninguém fizesse a gravação de chamadas para a TV por causa da injusta demissão do Isaías. De longe, o editor chefe, Henrique Lago, observou a movimentação. Minutos depois, o Markun me chamou em sua sala e disse: "Você e eu sabemos o quanto sua participação foi importante para esse projeto, mas nesse momento estou dispensando seus trabalhos. Obrigado por tudo".

Militante do PCB durante muitos anos, Paulo Markun sabia que eu tinha uma relação muito boa com a maioria da redação. Boa parte eu havia indicado pessoalmente e outros eram colegas de muitos anos. Minha intenção não era prejudicar a empresa, mas dar ao projeto uma outra dinâmica em busca de uma viabilidade que não existia. As semanas seguintes reforçaram esse conceito e em três meses o projeto original foi sendo desmontado.

Era algo previsível. Os custos eram altíssimos. A redação tinha mais de 130 pessoas. Os jornalistas que Markun havia trazido de Rio e São Paulo, só 20% se justificavam. A demissão do Isaías ocorreu por causa de um "preciosismo". O Bruno, que era do Rio de Janeiro, implicava com a maneira que o Isaías fechava as páginas de economia. Nada que se justificasse. O Isaías, por temperamento – eu o conheço há uns 30 anos – fazia de conta que ouvia Bruno, mas fechava à sua maneira.

Desde que entrei no Jornal do Norte, Paulo Markun havia me convidado a assumir em algum tempo a direção geral. A ideia dele era ficar uns dois meses em Manaus e depois retornar a São Paulo. Minha opção, no entanto, era outra. E por isso cheguei a conversar com o jornalista Hiel Levy, editor de Política, a quem contei a história dizendo ao final: "Eu não tenho interesse. Você tem?". Ele disse que sim. "Então vou trabalhar o seu nome", repliquei. Saí antes de viabilizar essa alternativa.

Meses depois, Markun me telefonou. Estava em São Paulo e necessitava de um advogado para uma disputa que teria com a direção do Jornal do Norte. Mas essa é uma história mais para a frente...

CONTANDO HISTÓRIAS

Publicado em 05 de setembro de 2018.

Sob ataque pesado da mídia local, o empresário Paulo Girardi desistiu de manter a sede do Jornal do Norte no bairro do Aleixo e transferiu temporariamente a estrutura de redação para um espaço próximo ao Amazonas Shopping, na Darcy Vargas, onde hoje existe um posto de gasolina. O ano era 1996 e ali começava talvez o maior erro da curta história do Jornal do Norte.

Cabe o registro: a mídia local dizia que a impressora do Aleixo não poderia ser usada pelo jornal porque havia sido financiada em função de um projeto da Sudam.

Ao deixar o prédio do Aleixo, o JN deixava uma impressora nova em folha e iria em busca de uma alternativa que dias depois seria formalizada com o Jornal do Commercio. Paulo Girardi mandou vir um técnico em impressora do Rio de Janeiro que fez um recondicionamento na máquina do JC, deixando-a praticamente nova.

No prédio próximo ao Amazonas Shopping muitos jornalistas – mais de 50 – que haviam sido contratados com salários médios entre R$ 2,5 mil a R$ 4,8 mil para editores, cumpriam horário fazendo treinamento no sistema de texto adquirido no jornal Estado de Minas.

O comando do Jornal do Norte ainda estava com os jornalistas Paulo Markun, Marília Assef e Luis Mercadante.

Um novo prédio na rua Afonso Pena iria receber a redação do JN que estava com mais de dois meses de atraso em seu lançamento... mas esta é uma história mais para frente...

CONTANDO HISTÓRIAS

Publicado em 03 de outubro de 2018.

Meses após sair do Jornal do Norte, recebi um telefonema do jornalista Paulo Markun, que havia deixado à diretoria geral do jornal. Ele queria que eu indicasse um advogado para acompanhá-lo numa ação que iria mover contra a empresa. Indiquei o advogado Antônio Lucena que o representou.

Foi então que tomei conhecimento: Markun havia registrado o nome Jornal do Norte como de sua propriedade e o empresário Paulo Girardi teve que pagar para ser dono do título. Posteriormente, ao que parece o nome Jornal do Norte foi vendido ao empresário do setor de educação, Valdery Areosa.

A vida do Jornal do Norte foi curta, mas intensa e com reflexos positivos na mídia local. Ao todo, o projeto pleno, com uma redação que chegou a ter mais de 130 profissionais, alcançou uns quatro meses quando começaram os cortes.

O sistema de "ilha" hoje tão normal na formatação física das redações de Manaus começou no Jornal do Norte, com as editorias se agrupando em espaços específicos.

O Editor de Texto que o JN usou foi outro avanço. Comprado junto ao jornal Estado de Minas era dos mais modernos. A ideia original do projeto era que os editores fechassem as páginas, eliminando a diagramação formal. A iniciativa, no entanto, não se concretizou.

Os salários do Jornal do Norte puxaram a média salarial dos jornalistas de Manaus para cima. Um editor em 1996, no lançamento do jornal, chegou a receber mais de R$ 5 mil entre salário, gratificações e extras.

O trabalho de reportagem do JN, apurações, fotografias e edições de página também merecem destaques. O grande problema foi a falta de gestão. O empresário Paulo Girardi investiu pesado, mas a equipe responsável pela administração, à frente o jornalista Paulo Markun não tinha a visão administrativa necessária.

Um telefonema do meu amigo Sebastião Reis e uma conversa com outro amigo, Paulo Castro, me levariam de volta a redação. Era o início do projeto "Estado do Amazonas". Mas essa é uma história mais para a frente...

CONTANDO HISTÓRIAS

Publicado em 07 de novembro de 2018.

Quando telefonei ao amigo Sebastião Reis a intenção era falar sobre a ONG "Amigos da Amazônia", com o objetivo de produzir artigos sobre meio ambiente. Ele e outro amigo, Paulo Castro, estavam iniciando o projeto do jornal "Estado do Amazonas", do Grupo Garcia. Eu não pensava em voltar a trabalhar em jornal, mas Reis quis falar pessoalmente e fui à sede do jornal no Aleixo.

Saí de lá como Editor Executivo numa estrutura inicial do "Estadão" que ficou constituída da seguinte maneira: Diretor de Redação, Sebastião Reis, Diretor Comercial, Paulo Castro e Editor Executivo, Claudio Barboza.

A estrutura se completou nos dias seguintes com a chegada de Marcos Santos, na função de Chefe de Reportagem se bem que na prática Marcos atuou como Editor de Opinião, sendo o responsável pela coluna institucional do jornal e artigos publicados nas páginas 3 e 4 do primeiro caderno.

Desde o início enfrentamos problemas técnicos que ao longo dos dois anos em que estive na empresa nunca foram superados. Faltavam computadores, impressora de qualidade e nossos equipamentos fotográficos eram aquém das necessidades.

Em contrapartida, o time que se formou era muito bom. Um dos melhores que tive a felicidade de participar. Se faltavam equipamentos, sobravam talento

e garra na dupla Reis e Paulo Castro, que construíram uma relação de trabalho arejada e construtiva com todos os que foram chegando para tocar o projeto.

O ambiente de trabalho com todas as tensões normais de uma redação sempre foi muito superior ao que encontrei em outros locais. O bom humor dos amigos Reis e Paulo Castro tiveram papel muito importante nisto que pode parecer detalhe, mas foi fundamental no dia a dia de um jornal que superando dificuldades técnicas deu muitos "furos" e registrou vários avanços na produção jornalística.

No primeiro número do jornal, a minha amiga Betsy Bell dormia na mesa às duas da madrugada esperando o Marcão (Sílvio Marcos, grande profissional e ótima pessoa humana), chefe da diagramação, chamá-la para fechar a revista que iria circular sempre aos domingos. Mas essa é uma história mais para a frente...

CONTANDO HISTÓRIAS

Publicado em 19 de dezembro de 2018.

Os jornalistas Paulo Castro e Sebastião Reis foram autores do projeto que deu origem ao jornal "O Estado do Amazonas", do Grupo Garcia, no ano de 2006. Após convencer o empresário Francisco Garcia de que o projeto era viável, os dois dividiram as funções: Reis ficou responsável pela redação, na função de Diretor de Redação enquanto Paulo assumiu a Diretoria Comercial da empresa.

A presença de Paulo Castro representou um raro momento em que um jornalista assume de forma direta uma área comercial, algo extremamente raro no mercado, tanto em Manaus quanto em outras Praças, onde a figura do jornalista não se insere nas áreas comerciais, até porque há uma opinião generalizada de que jornalista não tem habilidade para fins administrativos e muito menos financeiros. O que não é verdade, pois há colegas bem-sucedidos nessas áreas.

Apesar da função comercial, Paulo nunca se desligou da redação. Era presença frequente e várias vezes durante o dia estava presente, muitas vezes compartilhando o fechamento da primeira página com Sebastião Reis e comigo, que exercia a função de Editor Executivo. Alguns meses depois, uma boa proposta do jornal "Correio Amazonense", que estava sendo montado pelo grupo de Amazonino Mendes, iria tirar Paulinho do Estadão.

Além da boa proposta, um dos motivos da saída de Paulo era a falta de perspectivas em "O Estado do Amazonas". Os equipamentos eram antigos, as promessas da direção em comprar novos não se confirmavam e o tempo ia passando. A redação fazia a sua parte, mas o jornal tinha problemas sérios na impressão – a impressora era da década de 60 e muito pequena – o equipamento fotográfico não era dos melhores e os computadores da redação também eram superados.

Paulo Castro seguiu cheio de esperanças e entusiasmo para o "Correio Amazonense". Além de Editor Executivo passei a acumular a Diretoria Comercial. Outros colegas iriam nos deixar nos dias e meses seguintes para o Correio e Diário do Amazonas ... e lá se foi Betsy Belll... mas esta é uma história mais para a frente...

CONTANDO HISTÓRIAS

Publicado em 24 de janeiro de 2019.

A primeira edição do jornal "O Estado do Amazonas" saiu sem nenhum teste anterior, ou seja, não fizemos nenhuma simulação, não houve uma edição zero para ajustes. Foi tudo "de primeira". Numa sexta-feira de 2006, o dia foi agitado no prédio onde ficava o jornal, localizado no Bairro do Aleixo. As movimentações começaram antes das 10 da manhã num vai e vem frenético entre repórteres, editores e revisores, fotógrafos, diagramadores e pessoal da área comercial.

O bom humor e o jeito de trabalhar do jornalista Sebastião Reis, nosso Diretor de Redação era um ponto favorável. Na outra ponta, o jornalista Paulo Castro, nosso diretor comercial, fechava os últimos anúncios para a primeira edição, mas Paulinho nunca ficava longe da redação. Estava sempre presente, buscando o melhor caminho.

O setor da diagramação, sob o comando de Sílvio Marcos (Marcão) começou a fechar páginas antes das 11 de sexta-feira. Só iria concluir o trabalho quase às 5 da manhã de sábado. A edição sairia ampliada. Sete cadernos com 8 páginas cada, além de uma revista com 18 páginas, que nesta primeira edição teria a jornalista Betsy Bell na editoria.

Na fotografia a coordenação geral era do experiente e ótimo Raimundo Valentin que contava entre outros com o talento de Zezinho, Danilo Melo e Reinaldo Okita, entre outros.

Enquanto Marcos Santos cuidava das páginas de opinião, selecionando articulistas que iriam dar "peso" ao novo jornal, como Felix Valois, Ismael Benigno entre outros. Eu, na função de editor executivo acompanhava o trabalho dos outros editores, checando fechamento de páginas, auxiliando o diretor de redação.

O entra e sai na redação, localizada no mesmo prédio onde funcionava a TV Rio Negro/Band revelava o clima de expectativa. A ideia era colocar o jornal na rua nas primeiras horas de sábado se antecipando até mesmo à concorrência. O projeto era bom. O jornal tinha um formato moderno e priorizava o conteúdo. O projeto gráfico tinha muito do Alexandre Fontoura, jornalista nascido em Niterói que trocou as praias pela Amazônia.

Nossas maiores dificuldades: Mais de 50% dos computadores da redação eram antigos e a impressora da década de 60 funcionava graças a uma equipe muito boa de gráficos. A impressão nunca foi a ideal e nas páginas coloridas era sofrível. Muitas promessas foram feitas, mas os novos equipamentos nunca chegaram.

Numa dosagem interessante, muitos jovens jornalistas estavam tendo a oportunidade de participar do processo, entre esses estavam vários que hoje trilham com sucesso vários caminhos da comunicação... mas essa é uma história mais para a frente!

BETSY BELL – CONTANDO HISTÓRIAS

Publicado em 04 de fevereiro de 2019.

O "Estado do Amazonas" teve ousadia ao lançar com destaque a jornalista Betsy Bell – para mim sempre minha querida amiga Maria Isabel – na função de colunista. Betsy Bell era da Editoria Bem Viver, de A Crítica, repórter de estilo próprio, bom texto e muito bem informada, mas nunca tinha exercido a função de colunista. Deu muito certo. Transformou-se em leitura obrigatória.

A ida de Maria Isabel (Betsy Bell) para o Estadão só ocorreu por conta da amizade dela com os dois colegas Paulo Castro e Sebastião Reis. Há anos em A Crítica não foi fácil convencê-la, mas falou mais alto a aposta no novo projeto e assim a repórter de A Crítica se transformou na principal colunista do Estado do Amazonas e do jornalismo local.

Além do texto refinado e de bom gosto, a ironia bem colocada e o humor equilibrado davam o toque especial na coluna de Bell, transformando o espaço num dos mais lidos do jornal. Assim foi até o momento em que ela seguiu para o Correio Amazonense.

Uma das primeiras perdas no nosso time foi quando o Diário do Amazonas fez uma proposta ao Editor de Fotografia Raimundo Valentin. Há meses ele aguardava equipamentos fotográficos, mas que não chegavam.

O nosso diretor de redação, meu amigo Sebastião Reis ainda tentou argumentar..., "mas logo agora que os equipamentos estão pra chegar..." Valentim partiu e os equipamentos nunca chegaram.

Estava chegando o Festival de Parintins e a missão de preparar a cobertura ficou comigo. A direção do jornal disse que não iria investir no evento porque o detentor de transmissão era a Rede Calderaro. Numa reunião entre o Diretor Comercial Paulo Castro, o Diretor de Redação Sebastião Reis e eu, na função de Editor Executivo, ficou decidido: vamos tocar o projeto por nossa conta. Definir os custos e correr atrás de patrocínio. O jornal entraria com a publicação do material.

Começo a preparar a equipe para a primeira cobertura do "Estadão" do Festival de Parintins e dois jovens colegas vão me ajudar a inovar na estrutura a ser instalada na Ilha... Keynnes Breves e Arlesson Sicsú, nascidos em Parintins conhecem os detalhes da Ilha e vão ser importantes nesse formato... mas essa é uma história mais para a frente!

CONTANDO HISTÓRIAS

Publicado em 05 de março de 2019.

Até o festival de 2006, todas as empresas de comunicação de Manaus que faziam a cobertura do festival levavam computadores, impressoras, cabos, fios, disjuntores, enfim... vários equipamentos, para montar a redação operacional. Nós do "Estado do Amazonas" fomos os primeiros a mudar aquele cenário e para isto, foi fundamental a participação de dois colegas, que faziam parte da equipe: Keynnes Breves e Arlesson Sicsú.

Tanto Kenneys quanto Sicsú nascidos em Parintins, conheciam detalhes importantes da Ilha. Me contaram, por exemplo, que alguns "cyber" tinham uma boa estrutura. Foi o que me deu a ideia de alugar umas 7 máquinas para nosso trabalho num desses espaços. Feito o contato com uma empresa instalada na av. Amazonas, fizemos a reserva. Deu tão certo que no ano seguinte o Diário do Amazonas seguiu a iniciativa e outros também.

Nossa equipe de Parintins era pra ninguém botar defeito. Marcos Santos, Betsy Bell, Ângela Segadilha os mais experientes, e os que estavam começando no jornalismo, Keynnes Breves, Arlesson Sicsú, Mário Adolfo Filho, coluna social com Alex Deneriaz... e na fotografia, Raimundo Valentim e Danilo Melo,Pedro e Pablo na diagramação e informática, eu na coordenação de Parintins. No apoio em Manaus: Silvio Marcos (Marcão) design e autor do projeto gráfico do suplemento Parintins, Rommyne Novoa e Sebastião Reis. Quem não gostaria de ter um time desses?

Fizemos nove edições, num projeto que inovou em alguns procedimentos. Exemplo: todo o projeto foi viabilizado numa parceria entre eu, Sebastião Reis e Paulo Castro, que assumimos os custos operacionais, ou seja, pagamos as passagens aéreas, o aluguel do imóvel para a equipe morar 12 dias em Parintins, aluguel do imóvel onde funcionou a redação e diárias pagas antecipadamente a todos que viajaram.

A empresa "Estado do Amazonas" viabilizou o produto, na impressão e distribuição do caderno junto com a edição normal do jornal.

O "Caderno de Parintins" seguiu um padrão leve, como pede o evento. Muitas fotos e colunas específicas para Marcos Santos, parintinense e muito bem informado da festa, Betsy Bell unindo curiosidades e social e eu numa participação mais de observador de momentos e situações. Reportagens leves dos "meninos" Keynnes e Mário Adolfo Filho, apoiados pelo fôlego de repórter da Angela Segadilha, se uniam num projeto que deu o que falar.

Conseguimos repor nossos investimentos, obtendo patrocínio de empresas e do governo. Deu trabalho para receber, mas conseguimos. No ano seguinte, com uma equipe que sofreria mudanças em face de alguns colegas terem saído para outros veículos, voltamos a Parintins com outro projeto.

A manchete do dia estava pronta e não era nem 20 horas. Foi quando uma amiga nossa deu uma dica de que um amazonense estava condenado a morte. Começamos a preparar o material que ia ser um “furo” com exclusividade..., mas esta é uma história mais para a frente...

CONTANDO HISTÓRIAS

Publicado em 04 de abril de 2019.

Mercês Marinho, a nossa Mercinha, é daquelas pessoas especiais que a gente guarda do lado esquerdo do coração. Pois bem. Foi ela que, atenta ao mundo, descobriu em uma incursão pela internet que certo amazonense chamado Marco Archer Cardoso Moreira havia sido condenado à morte na Indonésia e que estava numa espécie de "corredor da morte" aguardando a execução.

À época, Mercinha era casada com o jornalista Paulo Castro, a quem ela repassou a informação. Creio que passava um pouco das 19h quando Paulo contou a informação a mim e ao Sebastião Reis. Começamos uma apuração que só terminou de madrugada e garantiria ao "Estado do Amazonas" um furo em toda mídia local.

Marco era de uma família tradicional do Amazonas, neto de Lourdes Archer Pinto, irmã de Agnaldo e Henrique Archer Pinto, fundadores do Diário da Tarde e O Jornal, dois veículos de comunicação que fizeram história no Amazonas antes da década de 70. Tinha, portanto, todos os ingredientes para uma excelente história.

Foram muitas ligações disparadas da redação. Conseguimos falar com a tia que também se chamava Lourdes e há muitos anos morava no Rio, onde também morava Marco. Ouvimos o prefeito Arthur Neto, que á época era senador e de pronto se manifestou anunciando que iria no dia seguinte levar o assunto ao Ministério das Relações Exteriores, o que realmente fez.

Procuramos entrevistar pessoas que tinham alguma ligação com a família aqui em Manaus, sem esquecer advogados, a fim de entender o caso do ponto de vista do direito internacional, Embaixada da Indonésia... aos poucos conseguimos ir montando o material da edição do dia seguinte.

Marco Archer era uma espécie de playboy. Havia morado a vida toda no Rio e nos últimos anos era instrutor de voo livre. Costumava viajar com alguma regularidade pelo exterior. Foi numa dessas que tentou entrar na Indonésia levando 13 quilos de cocaína escondidos nos tubos de uma asa delta. Não deu. Foi executado em janeiro de 2015.

Deixamos a redação bem tarde, mas com sabor de vitória. Todo material foi para as páginas do "Estadão" num trabalho que contou com fotos, textos e mapas, numa montagem equilibrada e de bom gosto desenvolvida pelo nosso designer Silvio Marcos, o Marcão. Fomos também os primeiros a chegar no local onde caiu um avião Boeing da Rico... mas essa é uma história mais para a frente...

CONTANDO HISTÓRIAS

Publicado em 11 de setembro de 2019.

A redação de A Crítica havia mudado. Saiu da parte da frente do prédio que dava para a rua Lobo D'Almada e foi transferida para o "meio" do prédio. Na área de entrada ficaram os departamentos administrativos e o gabinete do dono, Umberto Calderaro. Lá no fundão, a redação. O prédio tinha frente para a rua Lobo D'Almada e ia até a rua Joaquim Sarmento, onde anos depois seria feita uma redação bem maior, que possibilitou mudanças significativas na produção do jornal e que vamos lembrar mais à frente.

Para chegar ao apartamento onde morava dona Maria Calderaro – sua mãe – que morava na outra extremidade do prédio, na parte que dava para a rua Joaquim Sarmento, "seo" Umberto Calderaro passava por dentro da redação.

Todas as vezes que Calderaro passava na redação, a impressão que tenho até hoje é que o tempo parava. Dava até pra ouvir o ritmo da respiração de todos nós. Era uma sensação de admiração, um certo receio, mas de um respeito que ia dos mais jovens, como eu, aos mais antigos, como Leal da Cunha, Messias Sampaio, Gabriel Andrade, etc.

Calçando uma sandália estilo franciscana ele caminhava com calma entre as mesas, cumprimentava todos com aceno de mão e chegava a trocar palavras com alguns, comentava matéria e muitas vezes o cigarro estava entre os dedos.

Aos poucos comecei a ser chamado ao gabinete do “seo” Calderaro para fazer entrevistas com alguns visitantes ou receber uma orientação direta. Costumava me apresentar observando... “esse é cria da casa”.

Depois que comecei a ganhar prêmios, as presenças eram mais frequentes. Eu sentia que ele tinha orgulho e satisfação ao nos ver crescendo profissionalmente. Uma figura e tanto, com um olhar de águia para o jornalismo, com tinta nas veias, conforme ele mesmo dizia.

A Crítica crescia rápido e outros colegas chegavam ao jornal reforçando o time. Entre eles: Sebastião Reis, Isaías Oliveira, Flávio Seabra, Peri Augusto, Carlos Dias, Inácio Oliveira, Aldísio Filgueiras, Atlas Bacelar, Albany Mota, juntando-se a Mário Monteiro de Lima, Mário Adolfo, Antônio Menezes, Pinduca, Carlos Aguiar, Antonildo Menezes, Luiz Vasconcelos, Fernando Ruiz, Luiz Otávio (que anos depois seria executado pela polícia em Manaus), Francisca do Vale, Plínio Valério, José Veríssimo, Mário Próprio, Jorge Estevan, Saraiva, (o Sabu) Mário Jorge, Leopoldo Sampaio, Gil Barbosa, Hermengarda Junqueira, etc... Nessa redação havia uma repórter que escrevia a mão e depois datilografava o texto na Olivetti, passava um tempão, primeiro escrevendo tudo à caneta e depois com dois dedos de cada mão, ia teclando na máquina Olivetti o que havia escrito..., mas essa é uma história mais para a frente...

Estamos no início da década de 80...Manaus é uma cidade tranquila e o comércio da Zona Franca fervilha com importadoras. O Nike é o tênis preferido e nas tardes de domingo tem Ideal, Bancrévea e Cheik... mas estas, são histórias mais para a frente...

OS BONS TEMPOS DO BASQUETE EM MANAUS CONTANDO HISTÓRIAS

Publicado em 06 de fevereiro de 2020.

A primeira tabela de basquetebol em fibra de vidro em Manaus foi inaugurada na quadra coberta do Olímpico Clube, ao lado da sede do clube, na Constantino Nery. Naqueles anos – metade da década de 70 em diante – o basquete em Manaus fervilhava. Os jogos dos times adultos eram transmitidos ao vivo pelas rádios Rio Mar e Baré.

Mas este relato é sobre nossa geração que jogava no juvenil. O time era o Olímpico Clube. Muitos da nossa turma começaram no Nacional, cuja sede social ficava à rua Saldanha Marinho. Depois passamos pelo Rio Negro e finalmente chegamos ao Olímpico onde permanecemos por várias temporadas.

A maioria do grupo estudava no Colégio Dom Bosco, que tinha tradição no basquete. Nosso maior rival nas competições escolares era o time da então Escola Técnica Federal e depois, passou a ser o Colégio Militar. Entre os clubes, o Bancrevéa era o maior rival. É uma incrível verdade que em todos os anos que jogamos nunca perdemos um jogo nas competições locais. Um recorde sem dúvida, que bem poderia estar no Guiness Book, afinal isso durou mais de três anos.

Manaus era uma cidade tranquila, com pouco mais de 300 mil habitantes e a única quadra coberta era do Olímpico, onde se teve também a primeira tabela em fibra de vidro, inaugurada em jogo com a seleção brasileira feminina de basquete.

Depois tivemos o Ginásio Renné Monteiro, o Ginásio do Rio Negro e ginásio da Escola Técnica Federal do Amazonas.

Além do Olímpico, havia equipes juvenis do Rio Negro, Bancrevéa, Saga, Nacional e de uma comunidade batista norte-americana que existia na região do Puraquequara.

Até hoje me surpreendo ao lembrar a estrutura existente naqueles anos. Os clubes tinham departamento de esporte amador. Mantinham técnicos, massagistas e equipamentos, inclusive com tênis para treinos e jogos. Nosso benefício além dos treinamentos e jogos era a carteirinha, que dava acesso aos parques aquáticos. Olímpico e Rio Negro tinham ótimas piscinas e o Bancrevéa mantinha sede social e campestre.

Entre os técnicos da época, lembro bem do Eraldo, "seo Eraldo", vivo até hoje, Walorman, Valverde, Galega e Arthurzinho. Cabe aqui o registro do Peteo, um apaixonado por esse esporte, que dedicou sua vida ao basquete feminino do Amazonas, treinando gerações.

Nossos treinos eram três vezes por semana e nos outros dias, as "peladas", aconteciam nas quadras de cimento do Dom Bosco e do Benjamin Constant. A grande disputa se dava no 21 (dois contra dois. Ganhava quem fizesse 21 pontos. Saia faísca!)

Desses tempos havia o Paulinho, aluno do Dom Bosco, com 1,70m, magrinho e dono de um arremesso mortal. Era um apaixonado pelo basquete.

Morava em frente ao Colégio Dom Bosco, na Epaminondas, dormia e acordava com uma bola de basquete. Naqueles anos ainda não havia o lance de três pontos, mas se tivesse, Paulinho com certeza iria brilhar.

A questão de altura era um problema para jogar fora de Manaus. Quase todos nós tínhamos pouco mais de 1,70m e só alguns poucos alcançavam mais de 1,80m, mesmo assim a qualidade técnica era boa e havia um bom conhecimento de "fundamentos" (quem é do basquete sabe o que significa essa expressão). Aqui uma lembrança do Carlito. Tinha 1,78m e conseguia brigar no rebote com caras de dois metros.

Nossa geração foi a primeira do Amazonas a participar dos Jogos Estudantis Nacionais, realizado em Maceió, Alagoas, 1972. Além do basquete, várias modalidades participaram daqueles jogos. Pra se ter uma ideia, três aviões Boeing saíram de Manaus até a capital alagoana levando a delegação do Amazonas.

Tivemos oportunidade de disputar pela seleção amazonense, Campeonato Nacional, em Fortaleza, e Campeonato de Clubes Campeões, em São Paulo, pelo Olímpico. Nas competições nacionais o sofrimento era grande. Nossa baixa estatura era o maior obstáculo.

Teve um dia em que para a alegria de todos nós, o técnico Arthurzinho, de Pernambuco, um gênio do basquete, que havia construído uma história de muito sucesso em Recife foi contratado para treinar as seleções amazonenses... mas essa é uma história mais para a frente...

OBS: Registro da época. Atletas: Mito (Anselmo), Raimundo Jimenez (um gigante no rebote com seus quase 1,80m), Carlito, Ricardo Borges, Paulinho, Tadeu Borges, Cleveland Jezini, Rochester Jezini, Maurício, Lúcio, Shoeder, Nascimento (Naná), Celso Gióia, Rodolfo Braga, Ernesto Braga, Cnéio, Zé Ivan, Amadeu, Josetito Lindoso, Gil, João Negão, Cláudio Barboza, João Blá Blá Blá, Pery, Juraci. Falecidos: Carreira (exceção em altura, tinha mais de dois metros de altura, era pivô do Bancrévea), Hugo e Diouro. Surgiram logo após nossa geração e alguns ainda jogaram em nossos times: Egídio, Aranha jogador de talento, que se tivesse mais altura, teria sido destaque nacional), João, Airton Gentil, Adílton, Mesquita, Diego e John Americano.

Árbitros locais da época, Heraldo Costa, Calderaro, Enock, Bicudo. Árbitros da CBB: Edson Bispo, Manoel Tavares e Paulo dos Anjos. Ex-presidentes da FEBAM (Federação de Basquete do Amazonas), Sínval Gonçalves, Jaime Rheder, Eraldo Costa, e Tito Lívio.

Técnicos da época: Eraldo Costa, Valormam, Galega, Valverde, Arthurzinho, Peteo.

Clube da nossa geração "OLÍMPICO CLUBE" do saudoso presidente, Almério Botêlho.

Série

Artigos

Amaury Veiga

INSTITUTO DURANGO DUARTE